



A VOGAL MÉDIA ANTERIOR /e/ POSTÔNICA FINAL NO RIO GRANDE DO SUL: UM ESTUDO DIATÓPICO A PARTIR DOS DADOS DO ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL

Dayse de Souza Lourenço Simões

Universidade Estadual de Londrina

Fabiane Cristina Altino

Universidade Estadual de Londrina

RESUMO

Este trabalho consiste em descrever e analisar o comportamento da vogal média anterior /e/ postônica final na produção oral de falantes do Rio Grande do Sul. Posto isto, os objetivos específicos são: (i) examinar o processo de alçamento ou de manutenção da vogal média anterior /e/ postônica final e (ii) verificar a existência de uma isófona por meio de carta linguística. Para tanto, o *corpus* constitui-se dos dados do questionário do projeto ALiB (COMITÊ NACIONAL DO ALiB, 2001), incluindo as 17 localidades do Rio Grande do Sul e um total de 72 informantes. Em cada ponto, há quatro informantes, estratificados segundo as variáveis sociais: diageracional (faixa etária I – 18 a 30 anos e faixa etária II – 50 a 65 anos), diassexual (feminino e masculino) e, nas capitais, acrescenta-se a variável escolaridade (Ensino Fundamental e Ensino Superior), totalizando oito informantes de mesmo perfil. O aporte teórico fundamenta-se na Geolinguística Pluridimensional (RADTKE; THUN, 1996). Os dados demonstram que se trata de uma regra variável, além de apresentar a possibilidade de traçar uma isófona no estado gaúcho. Dessa forma, este trabalho pretende preencher parte da lacuna existente na descrição desse fenômeno na modalidade oral da Região Sul do Brasil.

Palavras-chave: Atlas Linguístico do Brasil; Vogal média anterior /e/ postônica final; Rio Grande do Sul.

ABSTRACT

This paper describes and analyzes the behavior of the anterior / final / postonic middle vowel in the oral production of speakers from Rio Grande do Sul. That said, the specific objectives are: (i) to analyze and observe the raising or maintenance process the anterior middle vowel /e/ final postonic and (ii) to verify the existence of an isophone by means of a linguistic chart. To this end, the corpus consists of data from the ALiB project questionnaire (ALiB NATIONAL COMMITTEE, 2001), including the 17 localities of Rio Grande do Sul and a total of 72 informants. At each point, there are four informants, stratified according to social variables: diagerational (age group I - 18 to 30 years and age group II - 50 to 65 years), diassexual (female and male) and, in the state capitals, it is added education variable (Elementary and Higher Education), totaling eight informants of the same profile. The theoretical basis is based on Pluridimensional Geolinguistics (RADTKE; THUN, 1996). The data demonstrate that this is a variable rule, besides presenting the possibility of tracing an isophone in the state of Rio Grande do Sul. Thus, this paper intends to fill part of the gap in the description of this phenomenon in the oral modality of Southern Brazil.

Keywords: Linguistic Atlas of Brazil; Anterior mean vowel /e/ final postonic; Rio Grande do Sul.



Dayse de Souza Lourenço Simões é doutora em Estudos da Linguagem pela UEL.

E-mail: dayse.lourenco1990@gmail.com

Fabiane Cristina Altino é doutora em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina (2007).

E-mail: fabiane_altino@uol.com.br

INTRODUÇÃO

A produção oral da língua, instrumento de comunicação e interação entre os seres humanos, mantém-se em constante variação e mudança. Isso se deve, além das propriedades internas da língua, ao contexto social, às características individuais dos usuários, à situação comunicativa e outros. O português falado no Brasil manifesta-se fortemente multifacetado em toda sua extensão, não somente no eixo horizontal (espacial), mas também no eixo vertical (social).

Nesse contexto amplamente heterogêneo, as correntes migratórias tiveram papel fundamental na organização da estrutura populacional das comunidades. Logo, a variedade linguística motiva-se por diferenças sociais, econômicas, culturais e geográficas, bem como aspectos históricos e processos identitários.

As discussões acerca dos falares do Rio Grande do Sul têm manifestado um cenário curioso no que concerne à descrição de alguns fenômenos, como é o caso da realização da vogal média anterior /e/ postônica no final de palavra. As generalizações acerca da produção da vogal média anterior /e/ postônica final veiculadas na mídia (como blogs, textos jornalísticos, entrevistas, sites de busca, redes sociais e outros) referem-se ao estereotipado “leite quente” como traço característico da fala de algumas localidades da região sul brasileira, especialmente, do falar gaúcho.

Nesse sentido, objetivamos a descrição e a análise do comportamento da vogal média anterior /e/ postônica final na produção oral de falantes do Rio Grande do Sul a partir da cartografia linguística. Para tanto, nossos objetivos específicos são: (i) examinar o processo de alçamento ou de manutenção da vogal média anterior /e/ postônica final e (ii) verificar a existência de uma isófona.

A fim de realizar essa análise, utilizamos os dados do questionário do projeto ALiB (COMITÊ NACIONAL DO ALiB, 2001) e consideramos todas as localidades do Rio Grande do Sul a fim de realizar uma análise diatópica do território gaúcho. Em cada ponto, contamos com quatro informantes, estratificados segundo as variáveis sociais: diageracional (faixa etária I – 18 a 30 anos e faixa etária II – 50 a 65 anos), diasssexual (feminino e masculino) e, nas capitais, incluímos a variável diastrática (Ensino Fundamental e Ensino Superior).

Nesse cenário, a partir da fundamentação baseada na Geolinguística Pluridimensional (RADTKE; THUN, 1996), intentamos preencher parte da lacuna existente na descrição dos falares gaúchos.

1 OLHAR ACERCA DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

Coseriu (1987) explica que a Geolinguística poderia ser considerada um ramo da Geografia, porquanto se ocupa em mapear traços linguísticos em determinados espaços territoriais. A Dialectologia Tradicional, a partir do método da Geografia Linguística Monodimensional, tem como fundamento básico a arealidade, ou, como explicam Radtke e Thun (1996), a análise da variação segundo o espaço geográfico.

A Geolinguística Monodimensional ocupa-se, exclusivamente, de mapear as formas linguísticas privilegiando a dimensão diatópica, enquanto a Geolinguística Pluridimensional engloba outras dimensões, como, por exemplo,



a diastrática, a diassexual e a diageracional. Radtke e Thun (1996) apontam que há uma distinção entre os geolinguistas que se voltam à modernidade e aos que se voltam à tradição. Assim, há aqueles que preferem experimentar novos parâmetros, métodos e meios técnicos, enquanto outros ainda seguem na via única da variação diatópica. Essa divisão remonta à Geolinguística Monodimensional e à Geolinguística Pluridimensional.

A Geolinguística Pluridimensional considera os fatores sociais, assim como faz a Sociolinguística. Dessa forma, destacamos que a Sociolinguística se preocupa com o “estudo da língua falada, observada, descrita e analisada em seu contexto social, isto é, em situações reais de uso” (ALKMIN, 2005, p. 31). Ressaltamos, portanto, que as comunidades linguísticas apresentam um caráter multifacetado (SILVA-CORVALÁN, 1989) e é justamente a heterogeneidade da língua o objeto de estudo da Sociolinguística (LABOV, 2008 [1972]; BRIGHT, 1974; SILVA-CORVALÁN, 1989; MORENO FERNÁNDEZ, 1998; ALKMIM, 2005; CAMACHO, 2005; MOLLICA, 2008).

A variação linguística não é aleatória, mas sistemática e motivada por fatores linguísticos e extralinguísticos, ou seja, “a face heterogênea imanente da língua é regular, sistemática e previsível, porque os usos são controlados por variáveis estruturais e sociais” (MOLLICA, 2004, p. 27). Neste estudo, focamos na variação diatópica.

A variação diatópica, ou geográfica, diz respeito às diferenças linguísticas distribuídas no espaço físico, atesta Alkmin (2005). Devido à sua extensão territorial, a formação humana, a influência de outros povos autóctones, portugueses, africanos e imigrantes, o Brasil apresenta uma imensa variação geográfica, resultando em incontáveis estudos dos diferentes níveis linguísticos, como o lexical, o fonológico e o morfossintático.

2 SISTEMA VOCÁLICO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

No sistema fonológico do português, segundo Câmara Junior (1982), há vogais tônicas, pretônicas, postônicas não finais e postônicas finais. Essas vogais estão dispostas em um sistema triangular, conforme a elevação gradual da língua, na parte anterior ou na parte posterior do trato oral.

Há uma série de vogais anteriores, com um avanço da parte anterior da língua e a sua elevação gradual, e outra série de vogais posteriores, com um recuo na parte posterior da língua e sua elevação gradual. Nestas há, como acompanhamento, um arredondamento gradual dos lábios. Entre umas e outras, sem avanço ou elevação apreciável da língua, tem-se a vogal /a/ como vértice mais baixo de um triângulo de base para cima. A articulação da parte anterior, central (ligeiramente anterior) e posterior da língua dá a classificação articulatória de vogais – anteriores, centrais e posteriores. A elevação gradual da língua, na parte anterior ou na parte posterior, conforme o caso, dá a classificação articulatória da vogal baixa, vogais médias de 1º grau (abertas), vogais médias de 2º grau (fechadas) e vogais altas (CÂMARA JUNIOR, 1982, p. 41).

Para ilustrar a caracterização das vogais segundo os movimentos articulatórios da língua, o autor utiliza o modelo de Trubetzkoy (1939).

Figura 1 – Vogais em posição tônica

altas	/u/	/i/	
médias	/ô/	/ê/	(2º grau)
médias	/ò/	/è/	(1º grau)
baixa	/a/		
	posteriores / central / anteriores		

Fonte: Câmara Junior (1982, p. 41)



Na posição postônica final, há a neutralização entre /e/ e /i/, isto é, uma oposição entre fonemas deixa de ser distintiva, prevalecendo, assim, as vogais altas. Dessa forma, o quadro das vogais fica com apenas três elementos.

Figura 2 – Vogais postônicas finais

altas	/u/	/i/
baixa	/a/	

Fonte: Câmara Junior (1982, p. 44)

O Alfabeto Fonético Internacional (IPA) atribui quatro graus de altura vocálica nas línguas e o português brasileiro realiza distinções vocálicas nos quatro graus: 1) baixa /a/; 2) médias-baixas /ɛ/, /ɔ/; 3) médias-altas /e/, /o/ 4); altas /i/, /u/; na passagem de uma vogal média-alta /e/ para um /i/, há alteração/subida de um grau na altura da língua, por isso, o fenômeno de troca de um /e/ por um /i/ é chamado de alçamento.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este estudo conta com os dados do projeto Atlas Linguístico do Brasil e, dessa forma, segue a sua metodologia. Nosso *corpus* é constituído de 17 localidades no estado do Rio Grande do Sul apresentadas no Quadro 1.

Quadro 1 – Rede de pontos do Rio Grande do Sul

Ponto	Localidade
234	Três Passos
235	Erechim
236	Passo Fundo
237	Vacaria
238	Ijuí
239	São Borja
240	Flores da Cunha
241	Santa Cruz do Sul
242	Santa Maria
243	Porto Alegre
244	Osório
245	Uruguaiana
246	Caçapava do Sul
247	Santana do Livramento
248	Bagé
249	São José do Norte
250	Chuí

Fonte: Atlas Linguístico do Brasil (2014)

Em cada uma das 17 localidades investigadas, foram entrevistados quatro informantes, distribuídos equitativamente pelas variáveis sexo (dois homens e duas mulheres), faixa etária (faixa I, de 18 a 30 anos e faixa II, de 50 a 65 anos), e nível fundamental de escolaridade. Já na capital, Porto Alegre, além dos informantes de nível fundamental, incluímos mais quatro informantes do mesmo perfil, totalizando 72. O Quadro 2 apresenta o perfil dos informantes do ALiB.

Quadro 2 – Perfil dos informantes

Informante	Escolaridade	Faixa Etária	Sexo
01	Fundamental	I (18 a 30 anos)	Masculino
02	Fundamental	I (18 a 30 anos)	Feminino
03	Fundamental	II (50 a 65 anos)	Masculino
04	Fundamental	II (50 a 65 anos)	Feminino
05	Superior	I (18 a 30 anos)	Masculino
06	Superior	I (18 a 30 anos)	Feminino
07	Superior	II (50 a 65 anos)	Masculino
08	Superior	II (50 a 65 anos)	Feminino

Fonte: Atlas Linguístico do Brasil (2014)



Para a análise do fenômeno estudado, observamos a sua realização em respostas ao Questionário Fonético-Fonológico (QFF) do projeto ALiB (COMITÊ NACIONAL DO ALiB, 2001). O QFF conta com 159 questões sobre os fatos fônicos e 11 questões de prosódia e visa coletar os fatos fônicos e suas possíveis áreas

de distribuição, além de identificar as variações na pronúncia dos itens. Nosso estudo, que verifica a realização para a vogal média postônica final anterior /e/, voltou-se à análise de 12 questões, a saber:

Quadro 3 - Questões analisadas

Número	Item	Questão
30	Tomate	Aquilo vermelho que vende na feira e que se usa para preparar o molho de macarrão?
39	Árvore	O que é que dá sombra nas ruas, no campo/ para o gado nos pastos?
49	Elefante	Um animal grande que sempre se vê em circo, tem uma tromba assim (mímica)?
50	Peixe	O que é que se pesca nos rios, no mar?
55	Noite	Quando fica tudo escuro e as pessoas vão dormir é a...?
62	Tarde	Qual é o contrário de cedo?
65	Catorze/quatorze	O que vem depois do treze?
78	Deve	Você/o (a) senhor (a) tomou/pediu emprestado 500 reais a alguém e não pagou. A pessoa vai a você/ ao senhor / à senhora e diz: Fulano, você me ___ 500 reais.
104	Inocente	Quando um indivíduo é acusado, mas ele não praticou aquele crime, se diz que ele é o quê?
116	Dente	E isto? <i>Apontar.</i>
144	Perfume	O que é que se põe no corpo para ficar cheiroso?
157	Hóspede	Em uma pensão, um hotel, as pessoas de outros lugares que chegam e ficam lá algum tempo são o quê?

Fonte: Dados do Questionário do ALiB (COMITÊ NACIONAL DO ALiB, 2001)

Para o tratamento dos dados, utilizamos o [SGVCLin], um software¹ capaz de gerar cartas linguísticas automatizadas e, ainda, oferecer relatórios numéricos. Trata-se de um projeto idealizado e concretizado pelo Dr. Valter

Romano, em parceria com o Dr. Rodrigo Duarte Seabra e Me. Nathan Oliveira. O banco de dados utilizado pela ferramenta foi modelado com base na metodologia do Projeto ALiB (ROMANO; SEABRA; OLIVEIRA, 2014).

¹ Para maiores informações sobre o projeto e o software, acessar o link: <http://sgvclin.altervista.org/>. Acesso em: 9 out. 2019.



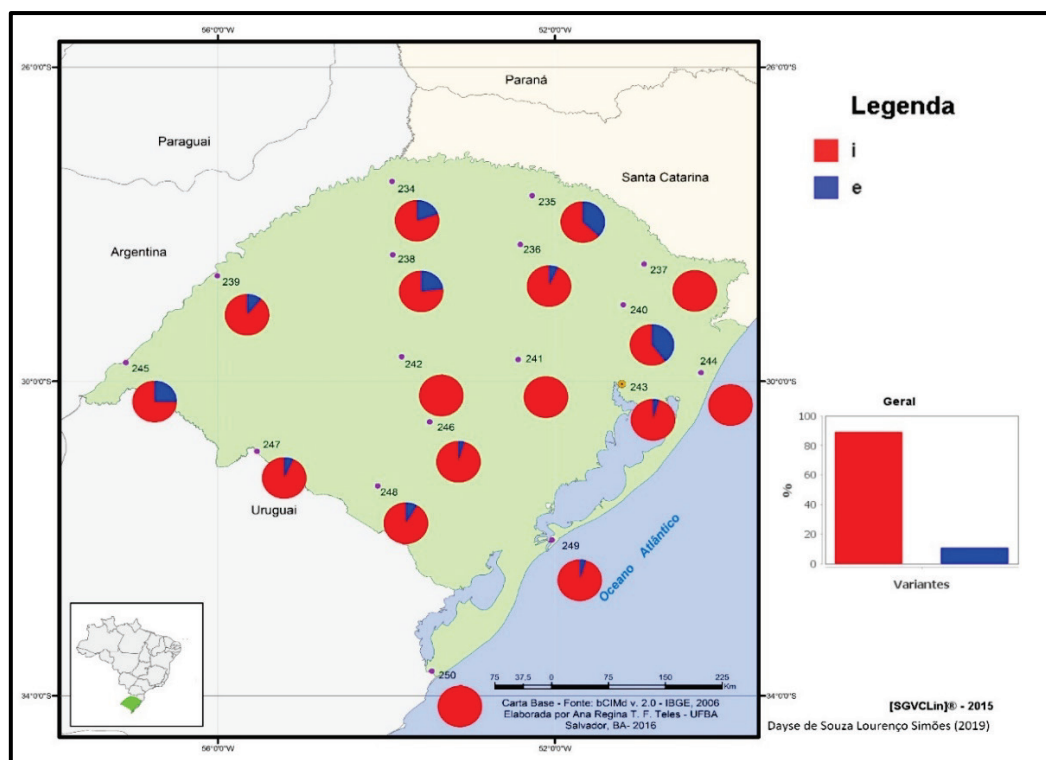
O [SGVCLin] gera cartas monodimensionais de arealidade e de arealidade gradual. As cartas monodimensionais têm como característica a apresentação pontual da dimensão diatópica, ou seja, as variantes por ponto linguístico ou localidade. Dessa forma, por meio dela é possível observar possíveis delimitações de isófonas. Além disso, há as cartas de arealidade, as quais trazem uma visão ampla dos dados. Contamos com dois formatos: (i) arealidade, que delimita onde há ocorrência de determinada variante e (ii) arealidade gradual, que representa a intensidade em que dada variante é produzida, por meio de uma escala gradual de cores que representa o percentual

de ocorrências. As cartas de arealidade permitem, quando possível, delimitar isófonas. Para tanto, o software SGVCLin (2014) utiliza aspectos do método dialetométrico, segundo Romano; Seabra; Oliveira (2014), ao estabelecer um interponto entre as localidades contíguas.

4 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

A partir do tratamento de dados realizado por meio do software [SGVCLin], apresentamos a Figura 3, que ilustra a distribuição diatópica da produção oral da vogal média anterior /e/ postônica final.

Figura 3 – Distribuição diatópica da produção oral da vogal média anterior /e/ postônica final



Fonte: Elaborado pela autora com base no banco de dados do ALiB

Por meio da Figura 3, observamos a distribuição diatópica do fenômeno no território sul-rio-grandense e constatamos que o alçamento da vogal está presente na fala de todos os informantes de todos os pontos do

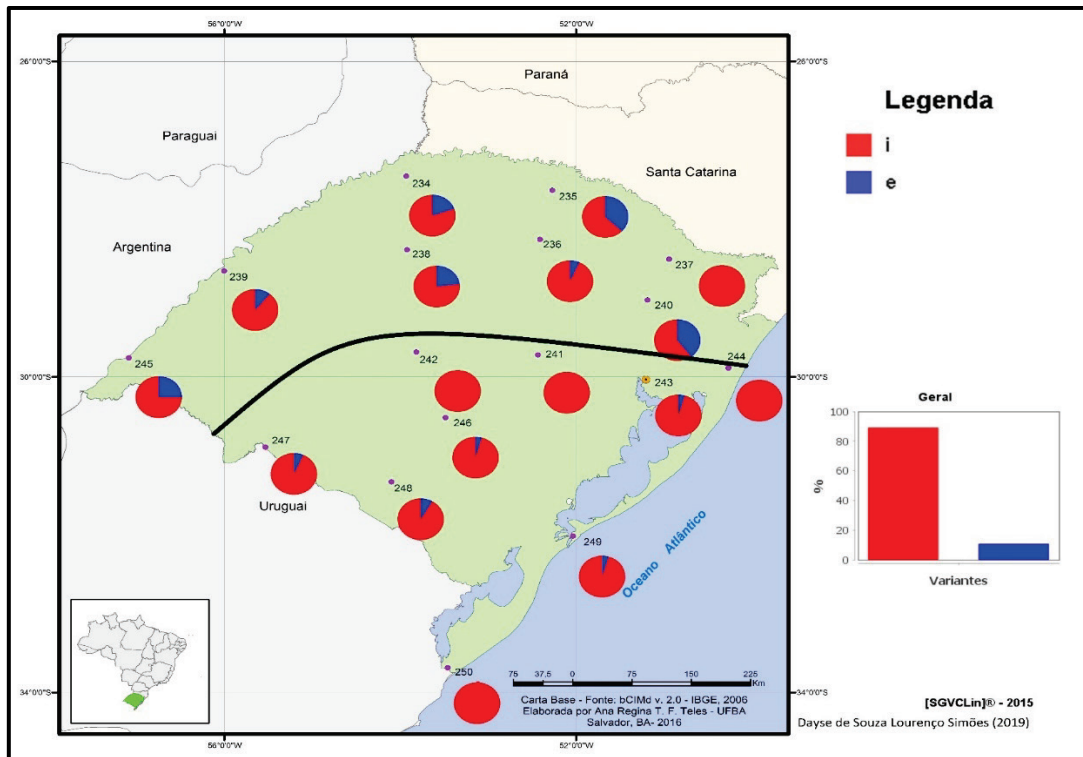
estado e, principalmente, nos pontos Vacaria (237), Santa Cruz do Sul (241), Santa Maria (242), Osório (244) e Chuí (250), em que o fenômeno é categórico. Em contrapartida, apesar de o alçamento ser mais predominante



nos pontos Três Passos (234), Erechim (235), Ijuí (238), São Borja (239), Flores da Cunha (240) e Uruguaiiana (245), verificamos a realização da manutenção de forma bastante

significativa, apresentando uma concorrência entre as duas formas. Assim, traçamos uma linha delimitadora, representada na Figura 4.

Figura 4 – Distribuição diatópica da produção oral da vogal média anterior /e/ postônica final com delimitação de área



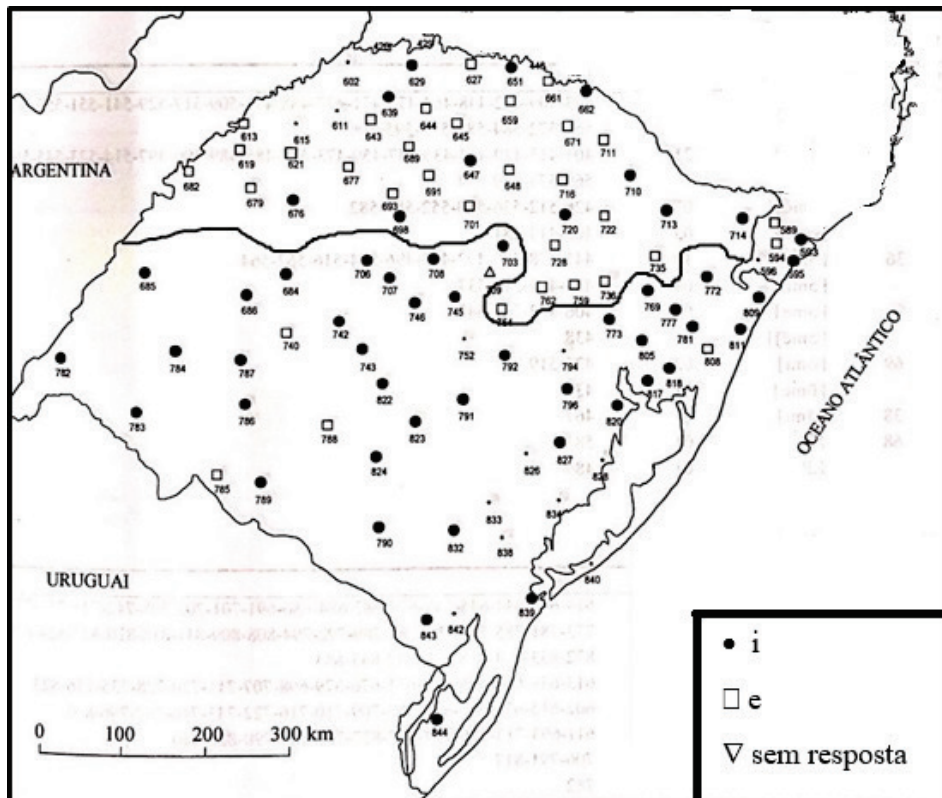
Fonte: Elaborado pela autora com base no banco de dados do ALiB

Verificamos uma linha divisória entre Norte/Noroeste e Sul do estado sul-rio-grandense, respectivamente, a partir das localidades onde a manutenção e o alçamento ocorrem em concorrência e onde a manutenção é pouco significativa. Destacamos, entretanto, o ponto 237 – Vacaria, o qual se encontra isolado na porção Nordeste do Rio Grande do Sul, sendo, nessa área, o único em que o alçamento é categórico.

De forma semelhante, a carta 8 do *Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul* (ALTENHOFEN; KLASSMANN, 2011) apresenta os dados sobre a manutenção da vogal média na pronúncia para o vocábulo *sete*, demonstrando que o Norte do estado do Rio Grande do Sul apresenta índices mais significativos de manutenção e o Sul, o alçamento, como vemos ilustrado na Figura 5.



Figura 5 – Alçamento e manutenção no ALERS



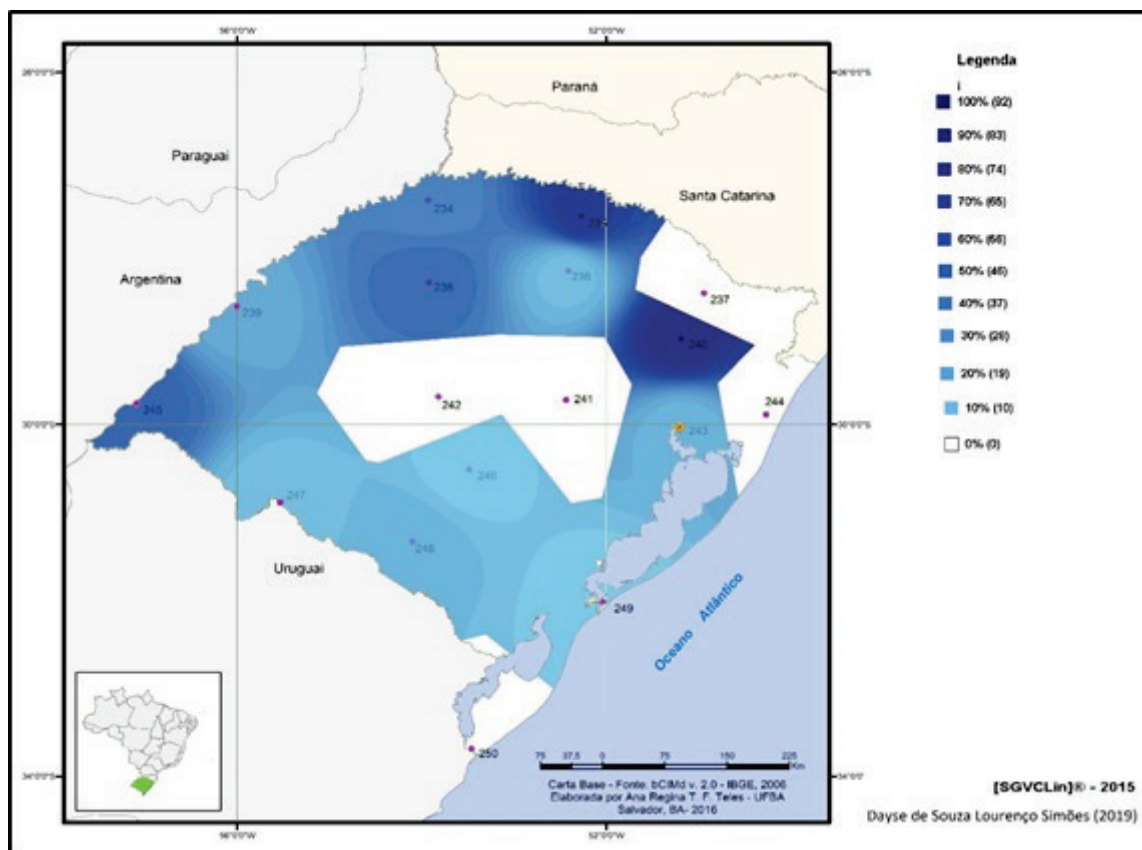
Fonte: Adaptado de ALERS (2011 [2002], p. 141)

Essa divisão estabelecida no ALERS ratifica, em parte, a divisão diatópica dos dados, a qual divide o Rio Grande do Sul em Norte/ Noroeste e Sul. Margotti (2004) explica que esse cenário apontado pelo ALERS (2011) e por nossos dados revela que a manutenção da vogal átona final /e/ não é uma característica dos falantes que habitam os pampas gaúchos, contrariando,

portanto, o estereótipo generalizado atribuído à fala do gaúcho de que a manutenção é predominante em todo o território. Nesse sentido, observamos onde ocorre a manutenção da vogal e em que proporção isso acontece na fala dos gaúchos, conforme a Figura 6.



Figura 6 – A realidade gradual da manutenção para a vogal média anterior /e/ postônica final



Fonte: Elaborado pela autora com base no banco de dados do ALiB

Na Figura 6, apresentamos a arealidade gradual da manutenção para a vogal média anterior /e/ postônica final. Nos pontos em que o azul é representado em tonalidade mais escura, há mais casos de manutenção da vogal e, conforme mais claro o azul, menor a ocorrência do fenômeno. Os pontos em que não ocorre manutenção estão sinalizados em branco. Ainda na Figura 4, ficam mais evidentes os pontos em que há uma tendência significativa de manutenção da vogal /e/, caracterizando uma faixa ao Norte/Noroeste do estado, à exceção do ponto 237-Vacaria.

Esse cenário linguístico comprova o que Margotti (2004) assinala sobre a postura dos ítalo-brasileiros que, ao falarem português, realizam as vogais /e/ e /o/ átonas finais em vez das vogais alçadas /i/ e /u/, asseverando que essa é uma regra variável consequente da influência da língua italiana. Nesse sentido, Froisi

e Mioranza (1975) explicam que, em determinados dialetos italianos, em nomes masculinos e femininos no singular, a vogal temática que mais ocorre é e, já no plural, i é o morfema de número dos nomes masculinos, enquanto e é o morfema de número dos nomes femininos.

Equivalentemente, Vieira (1994) constatou que as influências da descendência são significativas para a realização do alçamento. Em estudo das vogais médias átonas finais na fala de 16 informantes de cada capital sulista, Vieira (1994) atestou que as regras de neutralização assinaladas por Câmara Junior se encontram em fase inicial nos estados sul-brasileiros. No entanto, em Porto Alegre, apresentam-se de forma mais avançada, corroborando os dados apresentados neste trabalho.



Nesse sentido, reportamo-nos às hipóteses assinaladas por Altenhofen (2005), nas quais consta a importância do contato paulista-gaúcho anterior à chegada dos primeiros imigrantes alemães, em 1824, e italianos, em 1875, cenário que desencadeou muitas migrações internas no Rio Grande do Sul, resultando em rotas comerciais com intenso fluxo. O autor destaca ainda que as áreas de campo e as antigas rotas de contato paulista-gaúcho refletem o português dos lusos e de demais imigrantes estrangeiros, os quais foram, pouco a pouco, apropriando-se do falar daquele meio.

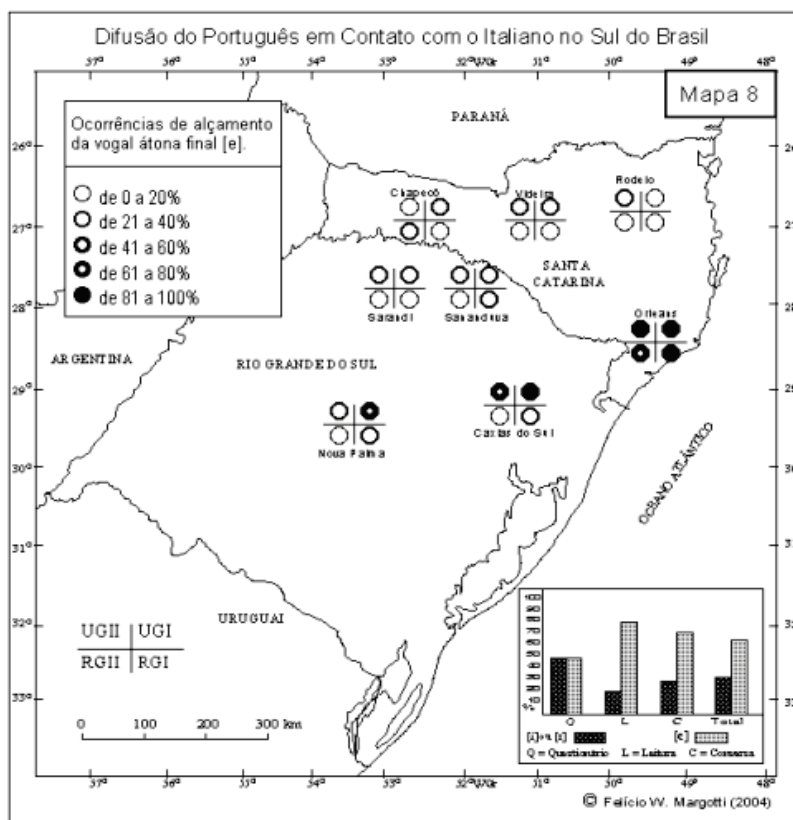
Altenhofen (2005) ainda assinala que a fronteira do Rio Grande do Sul com o Uruguai mantém traços de momentos históricos de ocupação da área e oscilações das fronteiras históricas com Portugal e, ainda, destaca o impacto que o bilinguismo daquela região causa nos falares, acarretando diferenças linguísticas significativas no território gaúcho, como territórios em que se realiza o alçamento de forma categórica, ao contrário de pontos em que a manutenção apresenta-se de forma significativa.

Ao analisar o comportamento da vogal média anterior em comunidades bilingües, onde há o contato entre o português e o italiano no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina, Roveda (1998) constata que há uma tendência à manutenção nas cidades fronteiriças e de colonização alemã e italiana, nas quais o alçamento encontra-se em estágio inicial. Mileski (2013) assinala que a comunidade de Vista Alegre do Prata - RS preserva as vogais médias átonas finais devido às “características étnicas do município, já que a população é de descendentes de imigrantes

poloneses e italianos. Entende-se, assim, que o português da comunidade sofre influências dos dialetos polônês e italiano, ainda falados na localidade” (MILESKI, 2013, p. 67). Destacamos que Vista Alegre do Prata não é um ponto do ALiB, no entanto, é muito próxima do ponto 240 - Flores da Cunha, o qual apresenta índices significativos de manutenção da vogal, confirmando os dados apresentados.

Logo, assinalamos que, no Rio Grande do Sul, a preservação do /e/ em posição final é uma característica do português falado em áreas de colonização europeia em contato com línguas de imigrantes europeus, principalmente, o italiano. Semelhantemente, Margotti (2004) observou o impacto que a língua italiana implica no português falado em comunidades bilingües, apresentado na Figura 7.

Figura 7 – Difusão do português em contato com o italiano



Fonte: Adaptado de Margotti (2004)



A partir da Figura 7, verificamos que o contato entre o português e o italiano condiciona o maior índice de manutenção da vogal média. Destacamos o posicionamento de Margotti (2004) quanto à postura dos italo-brasileiros que realizam as vogais /e/ e /o/ átonas finais em vez das vogais alçadas /i/ e /u/ na pronúncia do português.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observar a variação linguística é sempre uma atividade minuciosa, especialmente quando esta se refere aos aspectos fonéticos da língua, uma vez que exige extrema atenção e rigor. Para este trabalho, esse desafio foi propulsor da ânsia de observar e compreender o fenômeno analisado, o qual não só é discutido em contexto acadêmico, mas também em diálogos triviais por não estudiosos da língua.

Alicerçados na Geolinguística Pluridimensional, examinamos a realização da vogal média anterior /e/ postônica final na fala dos informantes gaúchos a partir dos dados do Atlas Linguístico do Brasil.

A partir das respostas dadas para as 12 questões por 72 informantes, distribuídos em 17 localidades, afirmamos que, ao pensar no Rio Grande do Sul, o fenômeno em pauta caracteriza-se como uma regra variável, com tendência ao predomínio do alçamento da vogal média anterior /e/ postônica final. O alçamento da vogal está presente na fala de todos os informantes em todos os pontos do estado, sendo categórico em: Vacaria (237), Santa Cruz do Sul (241), Santa Maria (242), Osório (244) e Chuí (250). Em contrapartida, em Três Passos (234), Erechim (235), Ijuí (238), São Borja (239), Flores da Cunha (240) e Uruguaiana (245), apesar de o alçamento ser mais predominante, verificamos a realização da manutenção de forma bastante significativa, apresentando uma coocorrência das duas formas.

Dessa forma, traçamos uma linha divisória entre Norte/Noroeste e Sul do estado sul-riograndense, considerando as localidades onde a manutenção e alçamento acontecem em coocorrência e onde a manutenção é pouco significativa, respectivamente. Esse cenário assemelha-se ao representado pela carta 8 do *Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul* (2011) que demonstra o Norte do estado do Rio Grande do Sul com índices mais significativos de manutenção e, no Sul, mais presente o alçamento.

Nesse sentido, com base nos resultados e na comparação com outros trabalhos trazidos à análise, destacamos que, no Rio Grande do Sul, a preservação do /e/ em posição final é uma característica do português falado em contato com línguas de imigrantes europeus, principalmente o italiano, nas áreas de colonização europeia.

Assim, este artigo pretende colaborar com os estudos descritivos da Língua Portuguesa falada no Brasil, no que se refere aos estudos a respeito da vogal média anterior /e/ postônica final no Rio Grande do Sul.

REFERÊNCIAS

- ALKMIN, Tânia Maria. Sociolinguística. In.: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2005. p.21-47.
- ALTENHOFEN, Cléo Vilson. Áreas linguísticas do português falado no sul do Brasil: um balanço das fotografias geolinguísticas do ALERS. In: AGUILERA, V. de A. (Org.). **A geolinguística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer**. Londrina: Eduel, 2005. p. 177-208.
- ALTENHOFEN, Cléo Vilson; KLASSMANN, Mário Silfredo (Orgs.) **Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil – ALERS:**



cartas fonéticas e morfossintáticas. Porto Alegre: Editora da UFRGS; Florianópolis: Ed. UFSC, 2011.

BRIGHT, William. As dimensões da sociolinguística. In: FONSECA, Maria Stella V.; NEVES, Moema F (Orgs.) **Sociolinguística**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974. p. 17-24.

CAMACHO, Roberto Gomes. Sociolingüística parte II. In.: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. **Introdução à lingüística: domínios e fronteiras**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2005. p. 49-76.

CÂMARA JUNIOR, Joaquim Mattoso. **Estrutura da língua portuguesa**. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 1982 [1970].

COMITÊ NACIONAL do projeto ALiB. **Atlas lingüístico do Brasil: questionários 2001**. Londrina: EDUEL, 2001.

COSERIU, Eugênio. **O homem e sua linguagem**. 2. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1987.

FROSI, Vitalina M.; MIORANZA, Ciro. **Imigração italiana no nordeste do Rio Grande do Sul: processos de formação e evolução de uma comunidade ítalo-brasileira**. Porto Alegre: Movimento, 1975.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

MARGOTTI, Felício Wessling. **Difusão sócio-geográfica do português em contato com o italiano no sul do Brasil**. Tese. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2004. 314p.

MILESKI, Ivanete. **A elevação das vogais médias átonas finais no português falado por descendentes de imigrantes poloneses em Vista Alegre do Prata – RS**. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Letras. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2013. 152 p.

MOLLICA, Maria Cecília. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2008. p.9-14.

MOLLICA, Maria Cecília. Relevância das variáveis não lingüísticas. In.: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2004.

MORENO FERNÁNDEZ, Francisco. **Princípios de Sociolingüística y Sociología del Lenguaje**. Barcelona: Ariel, 1998.

RADTKE, Edgar; THUN, Harald. Nuevos caminos de la geolingüística românica: um balance. In: RADTKE, Edgar; THUN, Harald. (Eds.) **Neue Wege der Romanischen Geolinguistik: Akten des Symposiums zur Empirischen Dialektologie**. Tradução Minka B.Pickbrenner e Rita Dolores Wolf. (Heidelberg/Mains, 21.-24.10.1991). Kiel, Westensee-Verl, 1996.

ROMANO, Valter Pereira Romano; SEABRA, Rodrigo Duarte; OLIVEIRA, Nathan. [SGVCLin] – Software para geração e visualização de cartas linguísticas. **Revista Estudos Linguísticos**. Belo Horizonte, v. 22, n. 1, p. 119-151, jan./jun. 2014.

ROMANO, Valter Pereira; AGUILERA, Vanderci de Andrade. Padrões de variação lexical na região Sul a partir dos dados do Projeto Atlas Lingüístico do Brasil. **Revista Estudos Linguísticos**. São Paulo, vol. 43 (1), p. 575-587, jan/ abr. 2014.

ROVEDA, Suzana Damiani. **Elevação da vogal média átona final em comunidades bilíngues: português e italiano** (Dissertação). Porto alegre, 1998.



SILVA-CORVALÁN, Carmem. **Sociolingüística:** teoría y análisis. Madri: Alhambra Universidad, 1989.

VIEIRA, M. José Blascowski. **Neutralização das vogais médias postônicas** (Dissertação). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1994. 184 p.

Como citar este artigo (ABNT NBR 60230)

SIMÕES, D. S. L.; ALTINO, F. C. A vogal média anterior /e/ postônica final no Rio Grande do Sul: um estudo diatópico com os dados do Atlas Linguístico do Brasil. **Revista Primeira Escrita**, Aquidauana, n. 6, p. 20-32, 2019.